

Cidadinidades no Sertão dos Gerais: antropologia urbana em Montes Claros (MG)

Giancarlo Marques Carraro Machado¹

Apresentação

Aconteceu na cidade de Montes Claros/MG, entre os dias 14 e 16 de agosto de 2023, a sexta edição do Encontro das Ciências Sociais no Norte de Minas². O evento fora promovido pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), e, tal como em suas edições anteriores, constitui-se como um espaço privilegiado para a articulação entre cientistas sociais que atuam no Norte de Minas, fortalecendo o intercâmbio entre estas(es) e (as)os demais pesquisadoras(es) e acadêmicas(os) vinculadas(os) a outras instituições do estado e do país.

O evento contou com uma vasta programação – composta por conferências, mesas-redondas e grupos de trabalho –, a qual contemplou, de

1 Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio pós-doutoral no Departamento de Antropologia desta instituição. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) e docente vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes-MG). É pesquisador e líder do Cidadino – Núcleo de Interdisciplinar de Temáticas Urbanas da Unimontes. É autor dos livros “A cidade do skate: sobre os desafios da cidadinidade” (Hucitec/CAPES) e “De *carrinho* pela cidade: a prática do skate em São Paulo” (Ed. Intermeios/FAPESP). É associado efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) desde 2010 e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (bolsa PQ) desde 2023.

2 Mais informações sobre o evento em: <https://encontrocsunimontes.wixsite.com/6 encontro>.

maneira equilibrada, os anseios das três áreas das Ciências Sociais, quais sejam, Antropologia, Ciência Política e Sociologia. A fim de colaborar com a sua programação, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), por intermédio do Comitê Povos Tradicionais, Meio Ambiente e Grandes Projetos, entrou em contato com as(os) organizadoras(es) para propor a realização de uma mesa-redonda especial, intitulada “RBA 70 anos: antropologia dos Gerais e a defesa dos direitos fundamentais”. Essa mesa-redonda ocorreu no pós-evento, no dia 17 de agosto de 2023, no Museu Regional do Norte de Minas.

A iniciativa foi coordenada por Felisa Cançado Anaya, integrante do Comitê Povos Tradicionais, Meio Ambiente e Grandes Projetos, ao passo que as falas foram proferidas por antropólogas(os) e professoras(es) vinculadas(os) ao Departamento de Ciências Sociais da Unimontes – Carlos Caixeta de Queiroz, Cláudia Luz de Oliveira, João Batista de Almeida Costa, e eu, Giancarlo Marques Carraro Machado. As(Os) participantes puderam, na ocasião, compartilhar experiências de suas trajetórias e demais questões relativas às pesquisas que desenvolvem na região. O debate ficou a cargo de Andréa Luisa Zhouri Laschefski, presidente da ABA (gestão 2023-2024) e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que veio para Montes Claros especialmente para participar da mesa-redonda.

Este capítulo reconstitui a minha fala realizada no âmbito desta iniciativa promovida pela ABA em parceria com as(os) organizadoras(es) do Encontro das Ciências Sociais no Norte de Minas. Trata-se, todavia, de uma versão revista e ampliada que releva, a partir da minha trajetória, a propagação do campo da Antropologia Urbana no Sertão dos Gerais, contexto muito marcado pelos estudos antropológicos de seus povos e suas comunidades tradicionais. O texto possui um tom ensaístico e se divide em três partes. Inicialmente, apresento uma breve repercussão acerca das(os) antropólogas(os) atuantes na cidade de Montes Claros; em seguida, estabeleço reflexões gerais sobre como as pesquisas realizadas no Norte de Minas me proporcionaram estranhar contextos urbanos; por fim, realço os desafios em torno da consolidação da Antropologia Urbana na região a partir dos projetos desenvolvidos pelo Núcleo Cidadino/Unimontes.

Montes Claros das(os) antropólogas(os)

Montes Claros, Norte de Minas. Foi nesta cidade onde veio ao mundo, em 1922, Darcy Ribeiro, um dos principais nomes da antropologia brasileira. Considerada “a melhor cidade do mundo” por ele próprio³, foi nela onde aquele que mais tarde se fez antropólogo passou muitos bons momentos em sua infância. Inquieto desde cedo, foi mentor de estripulias que acabaram por chocar a pacata Montes Claros da primeira metade do século passado. Como recorda Costa (2023, p. 15), ao recuperar algumas de suas travessuras, o jovem Darcy foi audacioso a ponto de colocar, inclusive, “[...] azul de metileno na caixa d’água da cidade, propiciando que, das torneiras, saísse um líquido azul”.

Apesar de ter vivenciado tantas situações aprazíveis em companhia de familiares e amigos, não tardou para que Darcy Ribeiro deixasse Montes Claros a fim de construir uma trajetória peculiar em nível nacional, marcada pela atuação em várias frentes, algo que dispensa maiores apresentações⁴. O autor, dentre outros, de “O processo civilizatório” (1968) e de “O povo Brasileiro” (1995), parece ter impactado todos os contextos por onde passou; entretanto, por mais longe que fosse, não deixava de negar a sua origem catrumana⁵. Não é à toa que obteve, postumamente, o devido reconhecimento em Montes Claros, algo que se revela em vários espaços da

3 Esta constatação de Darcy Ribeiro está registrada no site de sua fundação: <https://fundar.org.br/darcy-ribeiro/>.

4 Darcy Ribeiro mudou-se de Montes Claros para Belo Horizonte em 1939, onde ingressou no curso de Medicina. Para mais detalhes sobre as suas diversas atuações, verificar site da Fundação Darcy Ribeiro: <https://fundar.org.br/>.

5 Catrumano é um termo polissêmico, tendo ganhado repercussão sobretudo a partir da obra literária “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, publicado originalmente em 1956. Neste capítulo, contudo, catrumano refere-se às gentes do Sertão dos Gerais. O termo tem sido ressignificado por acadêmicos, artistas, movimentos sociais, dentre outros atores norte-mineiros a fim de reverberar não apenas um pertencimento regional, mas também as questões políticas em torno de um contexto historicamente preterido frente às Minas. Prova disso é a criação do Movimento Catrumano, o qual constituiu-se como uma estratégia para construção de poder simbólico da Região Norte Mineira junto à sociedade mineira como um todo, conforme bem analisado por Costa (2007).

cidade, do cotidiano ao institucional. A sua imagem permanece representada em grafites feitos em muros e até mesmo numa enorme foto disposta na parede de um hipermercado. O seu legado corriqueiramente é lembrado em ações municipais, como, inclusive, num concerto outrora realizado em sua memória. E não para por aí: o nome do campus-sede da principal universidade do Norte de Minas, a Unimontes, e inclusive o nome de uma usina de biodiesel na cidade, homenageiam, merecidamente, essa figura que pode ser considerada um homem de várias peles⁶.

A relação entre Darcy Ribeiro e Montes Claros é intrínseca; contudo, isto não quer dizer que este tenha feito pesquisas detidas na cidade ou na região. Seus interesses de investigação extrapolavam, e muito, questões concernentes ao contexto norte-mineiro. Como pontua Nobre (2015, p. 197), ao se referir a essa figura nômade cuja alma não pertence meramente a Montes Claros: “Darcy é um amor parido para o Brasil e o mundo”⁷. De todo modo, não se pode negar o seu legado para as novas levas de antropólogas(os) – e até mesmo para pesquisadoras(es) de outras áreas – que nasceram, se formaram, passaram ou chegaram no Sertão dos Gerais. Estas(es) sim, afinal, responsáveis pela construção de uma agenda regional de pesquisas antropológicas focada nas mais variadas temáticas.

Dentre tais temáticas, as que mais se destacam são, por certo, aquelas atreladas às importantes investigações sobre os povos e as comunidades tradicionais do Norte de Minas, a saber, indígenas, quilombolas, vazanteiras(os), geraizeiras(os), catingueiras(os), barranqueiras(os), veredeiras(os), apanhadoras(es) de flores etc.⁸ Tais investigações vêm sendo levadas a cabo há pelo menos três décadas por referências regionais na área da Antropologia, como é o caso de João Batista de Almeida

6 Segundo Cardoso (2023, p. 13), o próprio Darcy Ribeiro, conforme consta no livro “Testemunho” (1990), considerava que tinha “muitas peles”.

7 Darcy Ribeiro faleceu em Brasília, em 1997.

8 Para uma reflexão detida acerca dos povos e comunidades tradicionais do Sertão dos Gerais, verificar Costa (2005).

Costa⁹; Carlos Alberto Dayrell¹⁰; Fabiano José Alves de Souza¹¹; Claudia Luz de Oliveira¹²; Flávia Maria Galizoni¹³; Aderval Costa Filho¹⁴; Felisa Cançado Anaya¹⁵; Carlos Caixeta de Queiroz¹⁶; Andrea Maria Narciso Rocha de Paula¹⁷; Alessandro Roberto de Oliveira¹⁸; Camilo Antônio Lopes¹⁹, dentre tantos outros nomes contemporâneos. Alguns destes estão atrelados a grupos de pesquisa formados no âmbito da Unimontes, que articulam interessadas(os) que se encontram em variados níveis de formação, provenientes de diversas áreas do conhecimento, que vêm efetivando tanto análises antropológicas quanto ações de extensão e demais medidas concretas em defesa dos direitos das(os) mais vulneráveis. Dentre os grupos, é o caso, por exemplo, do Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental (NIISA) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades (OPARÁ-MUTUM), para citar os principais da atualidade, que têm atuado em parceria com outros grupos e redes de investigação em nível nacional e internacional para concretizar múltiplas iniciativas, dentre elas, o Colóquio

9 João Batista de Almeida Costa pesquisou, no decorrer de sua trajetória, diversos povos e comunidades tradicionais alocados no Norte de Minas, dentre eles, os quilombolas de Brejo dos Crioulos (Costa, 1999).

10 Carlos Alberto Dayrell analisou a atuação dos gerazeiros (Dayrell, 1999).

11 Fabiano José Alves de Souza etnografou a festa dos catopês em Montes Claros (Souza, 2003).

12 Claudia Luz de Oliveira realizou estudos sobre os vazanteiros do Rio São Francisco (Luz de Oliveira, 2005).

13 Flavia Maria Galizoni produziu etnografias em comunidades rurais no Vale do Jequitinhonha, dentre outros (Galizoni, 2005).

14 Aderval Costa Filho fez pesquisas junto aos gurutubanos (Costa Filho, 2008).

15 Felisa Cançado Anaya analisou as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Légua e Quilombo da Lapinha (Anaya, 2012).

16 Carlos Caixeta de Queiroz tem se dedicado, atualmente, a analisar festas em contextos indígenas no Norte de Minas.

17 Andrea Maria Narciso Rocha de Paula investigou destinos migratórios em comunidades rurais no Sertão dos Gerais (Paula, 2009).

18 Alessandro Roberto de Oliveira analisou o cotidiano da política entre os Xakriabá (Oliveira, 2008).

19 Camilo Antônio Lopes problematizou questões em torno de coisas, pessoas e signos entre vaqueiros, seleiros, carreiros e trançadores do Sertão dos Gerais (Lopes, 2016).

Internacional dos Povos Tradicionais – cuja edição de 2024 será realizada, novamente, em Montes Claros.

Em decorrência da atuação dessas(es) pesquisadoras(es) e de seus respectivos grupos e suas redes acadêmicas, quando se busca referências em torno da Antropologia que tem sido feita dos ou nos Gerais, sendo este um “[...] espaço territorial em Minas Gerais que possui tempo histórico e cultura diferenciada que se constitui na alteridade interna nesse estado”²⁰, logo nos deparamos com uma profusão de trabalhos que versam sobretudo sobre as vicissitudes dos tantos povos e das comunidades tradicionais que aqui se encontram, o que aponta para a constituição de ruralidades, para redes migratórias, para os desafios da etnicidade, para toda sorte de conflitos territoriais e socioambientais decorrentes dos impactos provocados por grandes projetos de desenvolvimento.

É inegável a contribuição derivada das investigações sobre os povos e as comunidades tradicionais do Sertão dos Gerais, o que traz uma marca indelével para a Antropologia regional. No entanto, para além desta, quais outras Antropologias têm sido feitas por aqui? Quais outros direitos fundamentais têm sido defendidos pelas demais pesquisas? A mesa-redonda da qual participamos, que tem como tema “RBA 70 anos: antropologia dos Gerais e a defesa dos direitos fundamentais”, nos instiga a refletir sobre as potencialidades do fazer antropológico na região onde estamos inseridos; para tanto, gostaria de ofertar uma contribuição, para fins de ampliação do debate, ao reconstituir um dos percursos possíveis da Antropologia Urbana em Montes Claros, cidade que, tal como nos campos, nas aldeias e nos quilombos dos Gerais, é alvo das contradições decorrentes de relações de poder, de conflitos fundiários, dos interesses estratégicos das elites locais, de projetos desenvolvimentistas etc., condições que se revelam em seu cotidiano urbano.

20 Esta definição consta no resumo do Grupo de Trabalho “Antropologia dos/nos Gerais”, a ser realizado no âmbito da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 2024, sob coordenação de Mônica Celeida Rabelo Nogueira e João Batista de Almeida Costa. Para mais, acessar: https://www.34rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=121.

Antes, porém, uma observação: não intento apresentar uma versão aprofundada sobre a constituição do campo da Antropologia Urbana no Sertão dos Gerais; afinal, isso somente seria possível a partir de uma pesquisa detida sobre o assunto. Contudo, em vista do convite que me fora feito para participar dessa mesa-redonda, gostaria de recuperar e registrar algumas influências que foram cruciais à minha formação antropológica, e que, por isso, contribuíram, em conjunto, para a implementação de uma agenda hodierna de pesquisa e extensão centrada não apenas na compreensão dos agenciamentos que culminaram na produção de uma Montes Claros desigual, mas também nas formas de cidadinidade – conceito que será mais bem abordado no decorrer deste capítulo – de sujeitos que resistem às precariedades e misérias urbanas a fim de reivindicar alguns de seus direitos fundamentais, dentre eles, o direito à cidade (Lefebvre, [1968] 2008)²¹.

Dos povos e comunidades tradicionais às formas de cidadinidade

A Unimontes, uma das principais instituições de ensino, pesquisa e extensão do Sertão dos Gerais, resulta da transformação da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM), criada em 1962, em uma autarquia de regime especial do estado de Minas Gerais, em 21 de setembro de 1989²². A universidade possui uma considerável inserção regional, atuando numa área correspondente a 40% do total do estado de Minas Gerais, incluindo as regiões Norte e Noroeste de Minas e os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri. As atividades ocorrem em seus vários *campi* e núcleos – situados em cidades como Almenara, Bocaiúva, Brasília de Minas, Espinosa, Janaúba,

21 O direito à cidade, sob a ótica de Lefebvre (1968 [2008]), pode ser formulado como um direito à uma vida urbana transformada e renovada, uma cidade que seja uma obra das(os) cidadãs(os), e não um produto das forças políticas e econômicas. Para reflexões apuradas acerca das releituras e dos desdobramentos políticos e acadêmicos do conceito de direito à cidade, originalmente proposto por Henri Lefebvre, ver Tavolari (2016).

22 Para obter mais informações sobre a Unimontes, acesse: <https://unimontes.br/>

Januária, Paracatu, Unaí, Pirapora, Salinas e São Francisco –, embora o campus sede, localizado na cidade de Montes Claros, concentre parte significativa de tudo aquilo que é realizado.

A instituição possui, no momento, 37 cursos de graduação. No âmbito deste leque, destaca-se Ciências Sociais, curso que, em 2024, completa 56 anos de existência. Devido ao seu tempo de existência, o curso não apenas formou um número significativo de acadêmicas(os) no decorrer de mais de cinco décadas, mas também vem contribuindo, no presente, com a formação de novos quadros de pesquisadoras(es), e ainda com uma multitude de iniciativas que impactam sobremaneira o contexto regional. Dentre as(os) docentes a ele vinculadas(os), estando estas(es) dispostas(os) nas três áreas das Ciências Sociais (Antropologia, Política e Sociologia), temos aquelas(es) que se notabilizam pela captação de recursos em várias frentes – como agências oficiais de fomento e emendas parlamentares –, pela coordenação de projetos em redes, pela inserção internacional, pela articulação com núcleos de pesquisa e associações diversas, pela organização de eventos, pela atuação como bolsistas de produtividade, pela participação efetiva junto a movimentos sociais frente às suas demandas etc. O Departamento Ciências Sociais, ao qual o curso Ciências Sociais está subordinado, também possui, a ele associados, o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS)²³, que atua em nível de mestrado e doutorado, e o Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Território (PPGSAT)²⁴, sendo este em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que também dispõe do curso de mestrado e, em breve, de doutorado.

A repercussão das Ciências Sociais no Sertão dos Gerais, principalmente da área da Antropologia, se deve, em vista de tais ações estratégicas, a um corpo de professoras(es) e pesquisadoras(es) responsável por instigar

23 Mais informações sobre o PPGDS/Unimontes estão disponíveis em: <https://www.pos-graduacao.unimontes.br/ppgds/>.

24 Mais informações sobre o PPGSAT/UFMG/Unimontes em: <https://www.ica.ufmg.br/?posgraduacao=sociedade-ambiente-e-territorio>.

olhares e posturas críticas diante os tantos dilemas que permeiam a região. Dentre tais docentes, gostaria de recuperar as contribuições de João Batista de Almeida Costa – ou Joba Costa, como o conhecemos por aqui –, antropólogo com uma das atuações mais longevas no Norte de Minas, sendo, por isso, uma referência para diferentes gerações de acadêmicos.

João Batista de Almeida Costa graduou-se em Ciências Sociais pela UFMG, em 1983, e, anos mais tarde, realizou mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) – concluídos em 1999 e 2003, respectivamente. Sua pesquisa de mestrado centrou-se no estudo de um ritual entre as(os) quilombolas de Brejo dos Criolos²⁵; ao passo que, em seu doutorado, foram analisadas as ambiguidades quanto ao lugar ocupado pelo Norte de Minas no conjunto de Minas Gerais, bem como os traços diacríticos contrastivos que distinguem “mineiras(os)” e “baianeiras(os)”²⁶. A sua atuação no curso Ciências Sociais da Unimontes, por sua vez, ocorreu desde o princípio da década de 1990. Em tal instância esteve responsável por produzir e coordenar diversos projetos de pesquisas que versavam sobre uma miríade de processos sociais norte-mineiros que foram impactados pela modernização conservadora brasileira.

Com João Batista de Almeida Costa (2019) aprendemos a complexidade em torno da formação sócio-histórica, econômica, cultural do Norte de Minas, a qual se divide, basicamente, em dois momentos. O primeiro momento, denominado pelo antropólogo de “Sociedade de Curral”, está vinculado à sua formação histórica específica no contexto colonial, marcada por uma sociedade multicultural e multiétnica, organizada tanto pelos princípios de reciprocidade e solidariedade, algo caro às presenças indígena e quilombola na região, que se articulavam entre si; mas também pela penetração dos bandeirantes, pelos descendentes de portugueses, a

25 COSTA, J. B. A. *Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo da penúria dos morenos: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 1999.

26 COSTA, J. B. C. *Mineiros e baianeiros: englobamento, exclusão e resistência*. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2003.

fim de instalar, a partir do século XVII, uma economia agropastoril, o que se reflete por meio da implantação de diversas fazendas autossuficientes numa considerável região sertaneja, as quais conjugavam relações de poder – como aprisionamento de indígenas e extermínio de quilombolas –, mas também interdependência devido ao parentesco, à vizinhança e ao compadrio, formando, assim, diversas facções que aglutinavam membros da elite agrária e também as *gentes miúdas*²⁷, como famílias de comunidades negras e de comunidades brancas de agricultores familiares, configurando o mandonismo local. O segundo momento, o qual se passa já em meados do século XX, está atrelado à entrada de outras individualidades para além daquelas existentes até então, que reverberava o processo de modernização que acabou por expropriar tais *gentes miúdas* dos mandos locais, rompendo, com efeito, as formas de sociabilidade outrora estabelecidas. Este segundo momento vincula-se sobretudo às novas dinâmicas de acumulação do capital, ao processo de expansão capitalista de produção, o que se exprime por meio da vinculação do Norte de Minas à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), por ser parte do Polígono das Secas, condição que requeria uma solidariedade interclasse articulada pelas sociedades e empresas patronais, além de mudanças profundas na forma de vinculação com a terra, na medida em que propiciou a privatização das glebas²⁸. Essas mudanças culminaram, conforme a perspectiva de Costa (2019), no colapso do sistema de apossamento vigente, trazendo, pois, severas consequências principalmente para as *gentes miúdas*, que foram violentamente expropriadas de seus territórios, forçando o êxodo rural e o inchamento das cidades, como Montes Claros, e, conseqüentemente, a concentração fundiária.

27 *Gentes miúdas*, neste contexto, são aquelas, conforme Costa (2019), que foram subjugadas pelos poderes dos fortes, como os das elites que atuam no Sertão dos Gerais.

28 Para demais análises sobre os impactos da atuação da SUDENE em Montes Claros, ver: Pereira (2007), França (2007), Gomes (2007), dentre outros.

A tensão entre a Sociedade de Curral e a emergência da sociedade cosmopolita foi tão profunda a ponto de, segundo Costa (2021), um número significativo de pessoas ter enlouquecido com a destruição do *mundus social* em que cada uma vivia. Isso se evidenciou principalmente nas cidades que recebiam aquelas(es) que foram expropriadas(os) ou que partiam de suas comunidades em busca de melhores condições. Montes Claros, em vista disso, é uma das cidades norte-mineiras que abarcou um crescimento demográfico intenso sobretudo entre 1965 e 1980, no período que compreendeu o processo de modernização conservadora, sendo este fruto do pacto político conservador entre burgueses, governos e oligarcas que trouxe impactos severos para um considerável número de pessoas, as quais passaram a enfrentar os desafios, as misérias e as precariedades decorrentes do seu processo de urbanização.

Não é meu objetivo, neste capítulo, aprofundar tais questões relativas à formação do Norte de Minas tampouco ao processo de urbanização de Montes Claros. Interessa-me, por ora, apenas realçar que João Batista de Almeida Costa não as perdia de vista em suas aulas e nas demais ações que coordenava no âmbito da Unimontes. Tive o privilégio de ter sido seu aluno logo em meu primeiro período no curso Ciências Sociais desta universidade²⁹. Aliado a todo o rigor teórico e metodológico, o antropólogo não se esquivava de provocar cada um de seus discentes aos lhos propor, corriqueiramente, a realização de exercícios etnográficos na cidade de Montes Claros. Uma chance, pois, para treinar o olhar e para compreender empiricamente muito daquilo que ele próprio vinha pesquisando acerca das *gentes miúdas* do Sertão dos Gerais, a saber, as suas manifestações culturais, suas formas de sociabilidade, seus usos e suas apropriações espaciais, suas resistências cotidianas, dentre outros aspectos.

Recordo-me, dessa forma, de uma visita feita ao Mercado Central de Montes Claros, em meados de 2004, em companhia do professor e de demais colegas do curso. Foi a minha primeira experiência em campo. Instruídos

29 Cursei Ciências Sociais na Unimontes entre 2004 e 2008.

por João Batista de Almeida Costa, tive a oportunidade de conversar com as(os) senhoras(es) responsáveis pela venda de todo tipo de especiaria regional. A abordagem inicial focada naquilo que vendiam foi apenas um pretexto para conhecer melhor as suas trajetórias, visões de mundo, dinâmicas relacionais, inserções na cidade de Montes Claros, mas também as suas articulações com contextos rurais circundantes. Ao final do exercício, como não poderia deixar de ser, fomos cobradas(os) a produzir um relato etnográfico. Essa iniciativa fomentada pelo professor foi um tanto marcante em minha trajetória, bem como na das(dos) demais colegas. A partir de então, passamos a nutrir um apreço não só pelas disciplinas de Antropologia mas também pela possibilidade de estranhar contextos que nos eram familiares, como a cidade de Montes Claros.

Não tardou para que eu pudesse construir a minha própria proposta de investigação. João Batista de Almeida Costa, numa disciplina de Antropologia, solicitou às(aos) discentes que escolhessem alguma temática para que, a partir dela, fossem realizadas etnografias. Inicialmente fiquei inclinado a pesquisar algum dos tantos povos e comunidades do Sertão dos Gerais, muito motivado pelo conjunto de pesquisas que aqui estava sendo feito; entretanto, o deslocamento para a realização de trabalhos de campo acabou se constituindo como um empecilho. Neste instante, logo lembrei de um dos textos que havia lido no primeiro período do curso Ciências Sociais, de autoria de Gilberto Velho (1997), onde consta a pertinência antropológica em torno da possibilidade de estranhar aquilo que nos é familiar. Em razão disso, resolvi propor uma investigação sobre o que me era mais próximo: a prática do skate. Ando de skate desde a minha adolescência e, em decorrência da minha relação com esta prática corporal e espacial, tive a oportunidade de me apropriar de inúmeras partes de diferentes cidades em busca de equipamentos urbanos para a realização de manobras. Esse ímpeto em prol da circulação nas cidades e da apropriação de seus equipamentos não raramente vinha acompanhado de demasiados conflitos com outros cidadãos. Portanto, frente aos dilemas que atravessam o universo

dessa prática, anunciei em sala de aula que gostaria de fazer uma etnografia junto aos skatistas.

Fui alvo de desconfiança por parte de certas(os) colegas, pois esperavam que escolheria um tema mais “sério” para a condução do trabalho de campo; entretanto, naquele instante, eu tive a crucial colaboração de João Batista de Almeida Costa, que me tranquilizou, frente à minha condição de aluno aspirante a antropólogo, ao defender que a escolha era pertinente e que poderia ser investigada à luz de algumas das tantas subáreas que compõem a Antropologia, como a Antropologia Urbana. Naquele momento, fui tomado por um misto de tranquilidade e empolgação. O resultado foi que, na sequência, elaborei um projeto de iniciação científica para investigar as formas de sociabilidade construídas entre skatistas que participavam de campeonatos realizados em distintas cidades. Como sugestão de orientador, consultei João Batista de Almeida Costa que, embora fosse especialista na discussão sobre povos e comunidades tradicionais, resolveu apostar em minha pesquisa que seria desenvolvida nos limites da Antropologia Urbana.

A Iniciação Científica, realizada sob fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), foi conduzida entre 2005 e 2007; a partir dela, concretizei o Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, intitulado “*Todos juntos e misturados: um estudo sobre a formação das redes de relações entre skatistas em campeonatos de skate*”, defendido em 2008. A pesquisa em tela foi muito marcante em minha formação, visto que, para analisar as problemáticas em torno de uma prática corporal que preza veementemente pelas condições tangíveis do urbano, tive que circular por diferentes escalas de cidade – tais como Montes Claros, Belo Horizonte, João Monlevade, Ipatinga e Curitiba. A circulação e o contato com uma vasta rede de sociabilidade proporcionaram-me, com efeito, verificar empiricamente diversas dinâmicas relacionais, espaciais e identitárias que permeavam certo universo juvenil que, na época, ainda era pouco explorado nas Ciências Sociais.

A monografia lançou as bases para a escrita de um projeto de mestrado que fora submetido ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). Foi aprovado na seleção; posteriormente, passei a ser orientado por Heitor Frúgoli Jr., uma importante referência em Antropologia Urbana. Esta aprovação fez-me deixar Montes Claros e encontrar uma outra conjuntura acadêmica. Mudei-me para a cidade de São Paulo, onde, entre 2009 e 2011, desenvolvi a pesquisa intitulada “De ‘carrinho’ pela cidade: a prática do *street skate* em São Paulo”, sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)³⁰. A pesquisa analisou aspectos em torno do exercício de uma prática corporal e, sobretudo, as implicações em virtude dos usos e das apropriações dos espaços urbanos por parte das(os) cidadinas(os). De uma forma bem ampla, evidenciei como a cidade pode ser lida e ordenada simbolicamente por meio de um “olhar skatista”. Não pude negligenciar, nestas circunstâncias, a questão do espaço, um tema de suma importância para as Ciências Sociais. Considerei o espaço urbano não apenas um pano de fundo onde ocorrem processos de natureza sociocultural mas também como algo expresso por meio de um conjunto polifônico de representações e narrativas nativas, conforme bem frisado por Frúgoli Jr. (2005), ao colocar o urbano em questão na Antropologia. As investigações propostas aproximaram-se de uma antropologia *da* cidade, e não apenas *na* cidade, tendo revelado – de acordo com a perspectiva de Agier (2011) – a cidade vivida, sentida e em processo, o que implicou em não a considerar como uma “coisa”, mas como um todo decomposto vivido em situação. Nesse sentido, um dos desafios foi demonstrar as relações entre as práticas cidadinas das(os) skatistas com as práticas de cidadanias fomentadas por meio de lógicas institucionais. A etnografia foi realizada em diversos espaços urbanos paulistanos, onde pude acompanhar a atuação de jovens skatistas, e ainda de agentes ligadas(os) ao mercado, à mídia especializada e ao poder público municipal.

30 A dissertação deu origem ao livro “De carrinho pela cidade: a prática do skate em São Paulo”, publicada pela Editora Intermeios, em 2004, com apoio da FAPESP.

No decorrer do mestrado, tive outras experiências notadamente importantes para a minha formação em Antropologia Urbana. No período fiz parte do Grupo de Estudos em Antropologia da Cidade (GEAC/USP), coordenado pelo professor Heitor Frúgoli Jr. O grupo se reunia regularmente para a promoção de debates e eventos focados em toda sorte de temáticas urbanas. Por intermédio desse grupo pude, ainda, participar da pesquisa “Abordagens etnográficas sobre o bairro da Luz (São Paulo): *gentrification* em questão na Antropologia”, que contou com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa permitiu a realização de abordagens etnográficas periódicas e de caráter coletivo sobre o bairro da Luz, situado numa confluência entre processos de preservação patrimonial de instituições culturais, intervenções urbanísticas (como a demolição de casas e estabelecimentos tradicionalmente destinados a uma população mais empobrecida) e um uso histórico por partes das classes populares, incluindo a existência de dezenas de pessoas em situação de rua nos espaços públicos, dependentes do consumo de crack, o que ajudava a criar uma forte esfera de estigmatização local. O seu principal objetivo foi contribuir para uma reflexão antropológica sistemática sobre questões relacionadas ao alcance do conceito de *gentrification* a partir da compreensão de dinâmicas políticas e cotidianas que permeiam uma territorialidade paulistana³¹.

Após me dedicar a tais atividades, retomei os meus interesses centrais de pesquisa – focados nos dilemas da realização da prática do skate em espaços urbanos –, e, por causa disso, resolvi prestar o processo de seleção para doutorado. Fui aprovado no doutorado em Antropologia Social da USP, sob a orientação de José Guilherme Magnani, outra referência significativa em Antropologia Urbana. Nesse estágio de formação, entre 2013 e 2017, desenvolvi a tese “A cidade dos *pícos*: a prática do skate e os desafios da cidadinidade”, realizada com financiamento da FAPESP³². A tese revelou

31 Para conferir os resultados dessa pesquisa, ver Frúgoli Jr. e Sklair (2009).

32 A tese deu origem ao livro “A cidade do skate: sobre os desafios da cidadinidade”, publicada em 2022 pela Editora HUCITEC, com apoio da CAPES.

como a cidadinidade skatista – considerada como a maneira de fazer o cotidiano citadino de uma forma um tanto criativa, transgressiva e astuciosa (Agier, 2011, 2015; Certeau, 2009) – é permeada por múltiplas configurações, enquadramentos, agenciamentos e contradições, além do jogo relacional entre “estratégias” e “táticas” (Certeau, 2009) que ocorre numa São Paulo considerada a partir de uma perspectiva citadina. A realização do skate de rua constitui-se como foco de uma investigação que o tratou não apenas como uma prática multifacetada que transcorre no urbano, mas, igualmente, como uma própria prática do urbano transposta por resistências, transgressões, conflitos e negociações, enfim, por posicionamentos díspares frente às governanças que são feitas dos espaços da cidade. Dessa forma, objetivei analisar como as(os) skatistas embaralham certos ordenamentos urbanos e põem em suspensão embelezamentos estratégicos de uma cidade gerenciada como mercadoria e voltada para práticas de cidadania que são englobadas sobretudo por lógicas de consumo.

Enfim, tive a oportunidade de reconstituir como as governanças paulistanas, em níveis executivo e legislativo, enquadraram estrategicamente a prática do skate de rua em diferentes momentos de sua história. Por meio de uma retomada das principais mobilizações políticas, foi possível constatar um rol de posicionamentos que oscilavam entre a repressão, a proibição e a uma relativa tolerância. Quanto a esta última, cabe frisar a existência de diversas iniciativas, como projetos de lei e instituição de frentes parlamentares, que foram implementadas com a intenção de ofuscar certos sentidos citadinos que atravessam a prática do skate, por exemplo, a valorização dos usos das ruas, e de dar visibilidade a alguns aspectos mais desejáveis de seu universo, como a dimensão esportiva que lhe é inerente.

Se no mestrado tive uma atuação junto ao GEAC, no doutorado, por sua vez, encontrei-me vinculado ao núcleo coordenado pelo meu então orientador, professor José Guilherme Magnani. Assim, tive uma participação efetiva como pesquisador do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP), onde coordenei o NAU Cidades, grupo de estudos focado na análise de variadas modalidades de apropriações urbanas e formas de sociabilidade.

A partir desse grupo promovi incursões etnográficas em diversas partes de São Paulo para, com a colaboração de outras(os) pesquisadoras(es), analisar processos e eventos que vinham impactando sobremaneira a dinâmica urbana da metrópole. Em razão disso, participei de trabalhos de campo realizados durante a Virada Cultural (evento promovido pela prefeitura municipal) e, também, durante os jogos da Copa do Mundo de futebol, em 2014. Ainda circulei por bairros periféricos, por instituições do extremo leste da cidade, por equipamentos de lazer, sem contar, também, o contato com o Movimento das(os) Trabalhadoras(es) Sem Teto (MTST) a fim de coletar dados e registrar ativismos e insurgências em prol de moradias dignas.

Em 2016, um ano antes da minha defesa de doutorado, tomei posse como professor efetivo da Unimontes. Portanto, tive a chance de retornar para a mesma instituição onde me graduei, porém não mais na condição de aluno, mas na de docente e pesquisador, tendo como colegas de trabalho muitas(os) daquelas(es) que me formaram, dentre elas(es), o professor João Batista de Almeida Costa. O curso de Ciências Sociais continuava marcado pela atuação de antropólogas(os) vinculadas(os) às discussões sobre povos e comunidades tradicionais; frente a isto, resolvi apostar num diferencial, ou melhor, em disciplinas e projetos que seriam desenvolvidos com base na subárea que permeou minha trajetória, qual seja, a Antropologia Urbana. Seria uma chance para fomentar novas reflexões e especialidades no curso, as quais se somariam às demais consolidadas. Além de ofertar disciplinas optativas sobre temáticas urbanas e de orientar pesquisas de iniciação científica sobre práticas juvenis cidadinas nos espaços públicos de Montes Claros, pude, ainda, criar um grupo de estudos com vistas a mobilizar novas(os) interessadas(os) em realizar etnografias na cidade.

O grupo, criado em 2017, foi inspirado nas dinâmicas dos demais que participei durante a minha trajetória na USP. Denominado GEAU – Grupo de Estudos em Antropologia Urbana –, mesclava perspectivas tanto do GEAC/USP quanto do NAU/USP. Outras ações cruciais para a emergência da Antropologia Urbana na Unimontes se deram no âmbito do V Encontro das Ciências Sociais no Norte de Minas, evento ocorrido em 2018 sob a

organização da antropóloga Nayara Alvim em parceria com demais docentes do Departamento de Ciências Sociais. A equipe organizadora conseguiu a proeza de trazer para Montes Claros importantes pesquisadoras(es) para realizarem palestras e conferências. Foi o caso de Silvana Souza Nascimento (docente do Departamento de Antropologia da USP, onde coordena o CÓCCIX – Estudos Indisciplinares do Corpo e do Território); Enrico Spaggiari (doutor em Antropologia pela USP), e o Prof. Dr. José Guilherme Magnani (na época professor titular do Departamento de Antropologia da USP, e coordenador do NAU, já apresentado). Este último, José Guilherme Magnani, não apenas compartilhou seus conhecimentos em Antropologia Urbana para um público amplo como também instigou alunas(os) de graduação e pós-graduação da Unimontes a fazerem, em sua companhia, etnografias urbanas na área central de Montes Claros. Os seus relatos acerca desse exercício foram publicados, inclusive, na Revista *Argumento*, a qual faz parte do Departamento de Ciências Sociais da instituição³³.

Com as colaborações e demais iniciativas mencionadas, a Antropologia Urbana começou a ganhar repercussão inédita no âmbito da universidade a ponto de despertar a atenção até mesmo em acadêmicas(os) provenientes de outras áreas. Essa propagação ocorreu de maneira mais evidente a partir de 2019, quando tive a oportunidade de assumir um novo vínculo na instituição: fui aprovado como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS), programa criado em 2004 e que oferta, atualmente, os níveis de Mestrado e de Doutorado. O PPGDS/Unimontes é um programa interdisciplinar que tem como objetivo a produção de análises sobre os processos dinâmicos, interativos e controversos que marcam o desenvolvimento social. A minha entrada no programa constituiu-se como uma possibilidade para a ampliação das investigações que eu vinha desenvolvendo; assim, ao investir na produção de pontes com

33 MAGNANI, J. G. C. Caminhada etnográfica na região central de Montes Claros-MG. *Argumentos – Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes*, v. 15, n. 1, p. 357-364, 2018.

outras áreas do conhecimento, estabeleci a oferta de disciplinas e demais ações a fim de enfrentar problemáticas urbanas locais. Nesse sentido, criei a disciplina optativa “Direito à cidade: perspectivas interdisciplinares”; a partir de seus desdobramentos, organizei um núcleo de pesquisa com vistas a incorporar, num primeiro momento, as iniciativas outrora desenvolvidas pelo GEAU, para, em seguida, potencializá-las ao permitir as suas articulações com outras frentes de pesquisas, derivadas de áreas que também tinham interesses em temáticas urbanas, porém com o diferencial de prezarem pela utilização do método etnográfico. Desse modo foi criado, em 2020, o Citadino – Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas, núcleo que será apresentado doravante.

Núcleo Citadino: sobre as maneiras de se fazer Montes Claros

A cidade de Montes Claros, situada no Norte de Minas, possui 414.240 pessoas habitantes, conforme estimativa atualizada, em 2022, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); por isso, é a quinta cidade mais populosa do estado de Minas Gerais. O seu crescimento está atrelado a uma série de fatores políticos, econômicos e demográficos, dentre eles, conforme assevera Pereira (2007), a instalação de uma estação ferroviária, na década de 1920, e a inclusão da região norte-mineira na área de atuação da SUDENE, pós-década de 1960, o que propiciou à cidade sediar a instalação de indústrias, e, de modo concomitante, receber melhorias urbanísticas.

Com a urbanização e o crescimento populacional de Montes Claros nas últimas décadas, as atividades terciárias, segundo Pereira (2007), dinamizaram-se e fizeram com que a cidade passasse a desempenhar novas funções e novos papéis no âmbito intraurbano, potencializando, com efeito, a oferta de serviços essenciais para a população, com destaque para aqueles relacionados à saúde e educação, e também à expansão e à diversificação do comércio. Tudo isso culminou em demasiadas mudanças na cidade, que alargou seu tecido urbano, motivando novas centralidades, áreas

periféricas, bem como a emergência de toda sorte de misérias e precariedades urbanas que assolavam um número significativo de cidadinas(os) empobrecidas(os) que passaram a habitar um contexto marcado por profundas desigualdades sociais, econômicas e fundiárias. Desse modo, como bem sintetizado por Gomes (2007, p. 171), Montes Claros tem como pano de fundo

[...] uma história tecida pelas pisadas do gado, pelos trilhos da linha férrea, pelas indústrias que transformaram a paisagem do sertão, pelas rodovias que tornaram próximos lugares longínquos, e pelo urbano, que abriu as portas para que os sertanejos se vissem diante de um mundo globalizado.

Frente a tais processos e dinâmicas, o Núcleo Citadino foi criado a fim de problematizar não somente questões caras ao impacto da produção capitalista de Montes Claros, mas, de igual maneira, as tantas formas de cidadinidade que transcorrem nesta cidade média cujos espaços urbanos são marcados por demasiadas disputas, exclusões e segregações. Dessa maneira, ao tentar compreender como as(os) cidadinas(os) fazem a cidade a partir de suas lógicas e vivências concretas, as discussões e demais propostas buscam se desvencilhar de eventuais perspectivas essencializantes, que consideram a cidade como uma coisa ou uma norma, em prol de investigações centradas em processos que intercalam, embaralham e/ou superpõem diferentes planos, espaços, procedimentos e uma vasta rede de agentes e saberes sociotécnicos.

Além da minha liderança, o Núcleo Citadino conta com a participação efetiva de demais professoras(es) e pesquisadoras(es) vinculadas(os) à Unimontes, a saber, Anete Marília Pereira (Departamento de Geociências); Isabela Veloso Lopes Versiani (Departamento de Educação Física); Marcelo Brito (Departamento de Direito), Mariana Fernandes Teixeira (doutoranda em Desenvolvimento Social pelo PPGDS), e, não obstante, com colaborações de pesquisadoras(as) vinculadas(os) a instituições externas, como é o caso de Nayara Alvim (doutoranda em Educação pela USP) e Gustavo Souza

Santos (doutor em Desenvolvimento Social pelo PPGDS e coordenador do curso Publicidade e Propaganda do Centro Universitário FIPMoc). Apesar das diferentes áreas de origem de cada um(a), possuímos, em comum, o interesse pela Antropologia Urbana, sobretudo pelo método etnográfico, o qual é aplicado nas pesquisas que realizamos.

As ações do núcleo se intensificaram consideravelmente desde a sua criação. Num primeiro momento, foi estabelecida uma série de reuniões entre coordenadoras(es) e discentes de graduação e pós-graduação a fim de estudar referências clássicas e contemporâneas caras aos estudos urbanos, muitas delas vinculadas à Antropologia Urbana produzida no país (como é o caso de Eunice Durham; Gilberto Velho; José Guilherme Magnani; Antônio Arantes; Ruben Oliven; Cornelia Eckert; Teresa Pires do Rio Caldeira; Alba Zaluar; Heitor Frúgoli Jr.; Cristina Patriota Moura; Luiz Henrique de Toledo; Urpi Uriarte; Alexandre Barbosa Pereira; Silvana de Souza Nascimento etc.). Essa articulação, para fins de estudos, teve desdobramentos significativos, dentre eles, a aprovação de um projeto de extensão, intitulado “Encontros Citadinos”. Sob coordenação da professora Isabela Veloso Lopes Versiani, o projeto em tela prevê a realização de ciclo de debates, presenciais e virtuais, com vistas a fomentar a relação entre o universo acadêmico e os saberes citadinos. Cada edição abarca temáticas específicas, onde são tematizados os efeitos decorrentes da produção da cidade, bem como compartilhadas experiências e táticas decorrentes de um conjunto de vivências no urbano. Assim, o “Encontros Citadinos” vem se destacando pela mediação que proporciona entre diferentes agentes e instituições atuantes em Montes Claros. Prova disso são as mesas-redondas que debateram certas situações que renderam polêmicas e controvérsias na cidade, por exemplo, os desafios em prol da realização do carnaval de rua, os conflitos derivados da apropriação cultural de uma parte histórica da sua região central, os dilemas frente à implementação do programa “Minha Casa, Minha Vida” do Governo Federal etc.

Além da promoção de eventos mensais, o núcleo também resolveu apostar na criação de uma iniciativa mais ampla para produzir mediações

com outras redes acadêmicas dedicadas aos estudos urbanos. Dessa forma, em 2022, ocorreu a primeira edição do Colóquio Cidadino, evento que contou com duas importantes conferências, sendo uma internacional. Estiveram presentes, em Montes Claros, Pablo Vega Centeno Sara Lafosse (Coordenador do Centro de Investigación de la Arquitectura y la Ciudad, da Pontificia Universidad Católica del Perú), que realizou palestra sob a experiência do transeunte na cidade de Lima (Peru), e Alexandre Barbosa Pereira (antropólogo urbano e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo), que realizou uma abordagem sobre juventudes cidadinas e seus lugares de encontros e disputas. Ambos os pesquisadores também puderam, em companhia do público, caminhar pela cidade a fim de refletir e problematizar questões em torno de usos e apropriações urbanas. O colóquio potencializou a nossas redes acadêmicas, proporcionando, pouco tempo após a sua realização, a minha visita técnica à Pontificia Universidad Católica del Perú, em Lima, para cumprir uma série de compromissos, como realização de palestra, reuniões e trabalhos de campo nas centralidades da capital peruana.

Em 2023, por sua vez, ocorreu a segunda edição do Colóquio Cidadino. Dessa vez, o núcleo contou com o protagonismo de referências regionais atreladas aos estudos urbanos, dentre elas, (as)os geógrafas(os) e professoras(es) Marcos Esdras Leite e Iara Soares França, que refletiram sobre os desafios em torno do planejamento e da produção da cidade de Montes Claros. O colóquio também diversificou as suas ações para além de conferências; para tanto, contou com um fórum de pesquisas sobre a cidade – o qual reuniu pesquisadoras(es) em diferentes estágios de formação, que puderam compartilhar resultados de investigações sobre temáticas variadas, por exemplo, a constituição da cidadindade de mulheres negras e periféricas, as táticas cidadinas em prol da construção de cozinhas solidárias, as resistências dos movimentos de moradia, e, ainda, os circuitos do futebol de várzea no sertão –, além de uma mesa-redonda com a participação de convidadas(os) externas(os) à academia, como representantes de

movimentos sociais, de associação de bairro e da prefeitura com a intenção de discutir as problemáticas em torno da habitação em Montes Claros.

Cabe destacar, também, que as ações do Núcleo Cidadino vêm se ampliando a partir da captação de recursos junto a agências oficiais de fomento. Entre 2020 e 2024, foram aprovados três projetos coletivos vinculados ao núcleo, todos eles sob minha coordenação.

O primeiro, intitulado “Centralidade em disputa: impactos citadinos da reforma do Vale do Anhangabaú”, foi contemplado em 2021 no âmbito da chamada universal do CNPq³⁴. A pesquisa, a qual analisa as controvérsias em torno da reforma de um espaço público situado numa centralidade paulistana, integra um projeto mais amplo que decorre da parceria entre o Núcleo Cidadino, Núcleo de Antropologia Urbana da USP e o Centro de Investigación de la Arquitectura y la Ciudad, da Pontificia Universidad Católica del Perú.

O segundo projeto, aprovado em 2022 pela FAPEMIG, intitula-se “Maneiras de fazer-cidade: sobre os desafios citadinos em Montes Claros-MG”³⁵. Trata-se de uma proposta que visa a produzir reflexões e intervenções a partir dos agenciamentos que configuram a intrínseca relação entre práticas cidadinas e aparatos sociotécnicos, formas de mobilidade e certas ações político-urbanísticas. O projeto abarca diferentes pesquisas, produzidas por pesquisadoras(es) que se encontram da iniciação científica ao estágio pós-doutoral, por meio das quais ainda será realizado um rol de publicações, como uma coletânea, a fim de revelar as tantas Montes Claros possíveis a partir das perspectivas de suas(seus) cidadinas(os). O financiamento da proposta garantiu, ao Núcleo Cidadino, a possibilidade de vincular pesquisadoras(es), os quais vêm atuando de maneira remunerada, para o exercício de tarefas práticas. Além disso, o núcleo tem a participação de uma arquiteta, Maria Clara de Oliveira Silva, que é responsável por ações de intervenções junto às comunidades externas à universidade; também tem a

34 Projeto aprovado pela chamada CNPq 18/2021.

35 Projeto aprovado pela chamada FAPEMIG 09/2022.

valiosa colaboração de Enrico Spaggiari, antropólogo urbano com doutorado em Antropologia pela USP, que está incumbido de coordenar a frente de pesquisa do projeto e de proporcionar oficinas de formação em etnografia urbana para acadêmicas(os) da Unimontes e demais interessadas(os). Por meio dessa iniciativa, o Núcleo Cidadino vem realizando etnografias em todas as regiões administrativas de Montes Claros a fim de compreender as tantas maneiras de se fazer a cidade.

O terceiro e último projeto, aprovado em 2023, também pela FAPEMIG, diz respeito à criação do Laboratório Multiusuário Cidadino³⁶. O laboratório amplia as ações do núcleo ao se constituir como um centro de referência regional para problematizar as múltiplas facetas da vida urbana e promover discussões sobre temas cruciais aos estudos sobre cidades, como formas de sociabilidade, conflitos em espaços públicos, segregações, territorialidades, gentrificação, mobilidades, demandas sociais ligadas a indicadores de qualidade de vida urbana e ativismos pautados em experiências cidadinas diversas presentes no contexto da cidade de Montes Claros e em perspectiva relacional com outras cidades do Norte de Minas, considerando suas diferentes escalas e especificidades. A iniciativa busca incentivar a formação de redes de colaboração entre pesquisadoras(es) e profissionais que atuam em diferentes áreas para produzir conhecimentos, recursos e tecnologias sociais que possam ser utilizados por atores sociais diversas. Desse modo, mediante o financiamento da FAPEMIG, foram obtidos recursos para compor o laboratório com diversos equipamentos audiovisuais cuja função é catalogar e registrar as formas de cidadinidade que marcam a região. Cabe destacar, ainda, que há uma bolsista no laboratório – Priscila Dias Alkimim (pesquisadora da área do Direito, atualmente doutoranda em Desenvolvimento Social pela Unimontes, sob minha orientação) –, que é responsável por gerenciar as demandas corriqueiras e por estabelecer mediações a fim de que o Núcleo Cidadino possa dar o devido retorno à cidade desenvolvendo ações concretas e comprometidas em mitigar os efeitos

36 Projeto aprovado pela chamada FAPEMIG 04/2023.

das desigualdades que prejudicam a qualidade de vida urbana. Dentre tais mediações, conquistamos, por exemplo, duas emendas parlamentares a fim de proporcionar intervenções urbanas num bairro de Montes Claros notadamente marcado pela ocupação popular³⁷, e, também, de garantir a compra de produtos para equipar a cozinha solidária do Movimento das(os) Trabalhadoras(es) Sem-Teto (MTST) atuante na cidade³⁸.

O Núcleo Citadino³⁹ possui um caráter multifacetado e interdisciplinar; entretanto, é importante enfatizar que o núcleo se encontra registrado no diretório de grupos do CNPq vinculado à Antropologia Urbana. Logo, a realização de etnografia em contextos urbanos tem se constituído como um elo entre todas(os) as(os) suas(seus) integrantes. As ações do núcleo continuam se intensificando; por isso, prevê-se que, no decorrer dos próximos anos, diversos produtos sejam consolidados – artigos, coletâneas, documentários, cartilhas, eventos etc. – com a intenção de repercutir novos interesses de pesquisa vigentes, para além daqueles já consolidados no Sertão dos Gerais.

Considerações finais

O presente capítulo trouxe uma das versões possíveis para a constituição e tentativa de consolidação da Antropologia Urbana no Norte de Minas, especificamente na cidade de Montes Claros, onde se situa a sede da Unimontes e está vinculado o Citadino, núcleo sob minha liderança. Foi realizado, com efeito, um primeiro exercício de sistematização em torno de uma agenda de pesquisas e intervenções que se encontram em vias de desenvolvimento. Espero, em outra oportunidade, ampliar as questões aqui iniciadas, trazendo não apenas os resultados das várias investigações realizadas sobre as maneiras de se fazer Montes Claros mas também os impactos das ações

37 A emenda parlamentar para esse fim foi destinada pela deputada estadual Leninha (PT).

38 A emenda parlamentar para esse fim foi destinada pela deputada estadual Bella Gonçalves (PSOL).

39 Mais informações sobre o Núcleo Citadino em: <https://nucleocitadino.wordpress.com/>.

do núcleo perante certas(os) cidadinas(os) que clamam pelo direito a uma cidade menos desigual.

Para finalizar, gostaria de registrar que este capítulo se constitui como uma homenagem ao antropólogo João Batista de Almeida Costa. O professor aposentou-se em 2023 após anos de dedicação à Unimontes e de defesa dos povos e das comunidades tradicionais do Sertão dos Gerais. O seu orgulho catrumano perpassa o seu ofício e alcança as(os) que estão ao redor, como alunas(os) e professoras(es) que tiveram a chance de compartilhar de sua rotina. Enquanto seu orientando de iniciação científica, pude começar a compreender melhor não somente as condições das *gentes miúdas* do Sertão dos Gerais mas também as implicações em torno dos seus exercícios da cidadinidade. Desse modo, se tenho a presente chance de compartilhar essas experiências sobre as potencialidades da Antropologia Urbana numa região muitas vezes preterida de visibilidade acadêmica, muito se deve ao seu legado em minha formação.

Ao fim e ao cabo, espero ter contribuído para que Montes Claros seja lembrada não apenas como a terra natal de Darcy Ribeiro mas também como a cidade onde atuou João Batista de Almeida Costa, exímio antropólogo das causas do Sertão dos Gerais.

Agradecimentos

Sou grato ao convite de Candice Vidal e Souza e Cornelia Eckert para colaborar com esta coletânea destinada à reflexão sobre os 70 anos da Reunião Brasileira de Antropologia (1953-2023). Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa “Centralidade em disputa: impactos citadinos da reforma do Vale do Anhangabaú” (processo 408182/2021-0) e pela bolsa de produtividade em pesquisa (Bolsa PQ). Também agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelos financiamentos atribuídos aos projetos desenvolvidos no âmbito do Núcleo Citadino/Unimontes, a saber, “Maneiras de fazer-cidade: sobre os desafios citadinos em Montes

Claros-MG” (processo APQ-03040-22) e “Laboratório Multiusuário Cidadino: consolidação dos estudos urbanos no Norte de Minas” (processo APQ-03797-23).

Referências

AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

ANAYA, F. C. De “Encurralados pelos Parques” a “Vazanteiros em Movimento”: as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, pau de Léguas e Quilombo da Lapinha no campo ambiental. 2012. 257 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CARDOSO, A. D. Nota da editora. In: COSTA, J. B. A. *Darcy Ribeiro: o homem e suas peles*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2023, p. 13.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

COSTA, J. B. A. *Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo da penúria dos morenos: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos*. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

COSTA, J. B. A. *Mineiros e baianos: englobamento, exclusão e resistência*. 2003. 335 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

COSTA, J. B. A. Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v. 1, n. 3, p. 8-48, 2005.

COSTA, J. B. A. Movimento Catrumano: o Norte de Minas como berço de Minas Gerais. *Revista Verde Grande*, v. 1, p. 24-36, 2007.

COSTA, J. B. A. A sociedade de curral: desenvolvimento social pelas figuras sociais, pelo habitus e pela organização do estado no Norte de Minas. *Argumentos*, v. 16, p. 195-235, 2019.

COSTA, J. B. A. O Sertão e a revelia do mundo: expropriação, enlouquecimento, migração forçada e concentração de terra durante a modernização conservadora no Brasil. *Revista Desenvolvimento Social*, v. 27, p. 245-268, 2021.

COSTA, J. B. A. (org.). *Darcy Ribeiro: o homem e suas peles*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2023.

COSTA FILHO, A. C. *Os Gurutubanos: territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo norte-mineiro*. 2008. 293 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DAYRELL, C. A. *Geraizeiros e Biodiversidade: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia*. 1999. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Universidade Internacional de Andalucia, Espanha, 1999.

FRANÇA, I. S. *A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no Norte de MG*. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

FRÚGOLI JR., H. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 133-165, 2005.

FRÚGOLI JR., H; SKLAIR, J. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification. *Cuadernos de Antropología Social*, n. 30, p. 119-136, 2009.

GALIZONI, F. M. *Águas da vida – população rural, cultura e água em Minas Gerais*. 2005. 198 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GOMES, F. S. *Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais*. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LEFEBVRE, H. [1968]. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008.

LOPES, C. A. *Vaqueiros, seleiros, carreiros e trançadores: uma etnografia com coisas, pessoas e signos no sertão mineiro*. 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

LUZ DE OLIVEIRA, C. *Populações Tradicionais e territorialidade: os vazeiros do Rio São Francisco no Norte de Minas*. 2005. 135 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MACHADO, G. M. C. *Todos juntos e misturados: um estudo sobre a formação das redes de relações entre skatistas em campeonatos de skate*. 2008. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2008.

MACHADO, G. M. C. *De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. 2011. 268 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MACHADO, G. M. C. *De carrinho pela cidade: a prática do skate em São Paulo*. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2014.

MACHADO, G. M. C. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania*. 2017. 345 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MACHADO, G. M. C. *A cidade do skate: sobre os desafios da cidadania*. São Paulo: Hucitec; CAPES, 2022. (Coleção Antropologia Hoje).

MAGNANI, J. G. C. Caminhada etnográfica na região central de Montes Claros – MG. *Argumentos*, v. 15, n. 1, p. 357-364, 2018.

NOBRE, R. F. Darcy Ribeiro: um espírito solar. *Terceiro Milênio* – Revista Crítica De Sociologia e Política, v. 5, p. 190-198, 2016.

OLIVEIRA, A. R. *Política e Políticos Indígenas: a experiência Xakriabá*. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PAULA, A. M. N. R. *Travessias destinos migratórios em comunidades rurais no Sertão de Minas Gerais*. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia)

- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

PEREIRA, A. M. *Cidade média e região: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

RIBEIRO, D. *O processo civilizatório – etapas da evolução sociocultural*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

RIBEIRO, D. *Testemunho*. São Paulo: Editora Siciliano, 1990.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, F. J. A. *A festa dos catopês em Montes Claros: descortinando cenários discursivos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

TAVOLARI, B. Direito à cidade: uma trajetória conceitual. *Novos Estudos*, n. 104, p. 93-109, 2016.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 122-134.